

# Marxismo, política e religião de um “marxista convicto e confesso”: Michael Löwy leitor de José Carlos Mariátegui.

Deni Ireneu Alfaro Rubbo

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade  
de São Paulo.

Marxismo, política e religião de “um marxista convicto e confesso”: Michael Löwy leitor de José Carlos Mariátegui

**Resumo:** Dividido em duas partes, este artigo almeja apresentar e sistematizar a evolução da leitura peculiarmente crítica de Michael Löwy sobre o pensamento de José Carlos Mariátegui. Em um primeiro momento, o sociólogo franco-brasileiro realiza uma análise predominantemente assentada na figura *política* de Mariátegui, destacando seu pensamento como expressão mais vigorosa e original diante de um quadro histórico de surgimento do marxismo na América Latina. Em um segundo momento, sob nítida influência de “Sobre o conceito da História” de Walter Benjamin – ponto de inflexão que altera sua visão de mundo marxista –, a compreensão de Löwy com relação à obra mariateguiana é (re)dimensionada. Ele aproxima o pensamento do jornalista peruano da corrente marxista *romântico-revolucionária* na qual a dimensão espiritual, ético-social e religiosa da luta revolucionária assume vital importância. Tal leitura *amplia* o espectro de análise do conjunto da obra de Mariátegui, e apoia-se do ponto de vista metodológico na *indistinção* entre o lado político-organizativo e o literário-cultural do pensamento do teórico peruano, o que pode suscitar leituras comparativas ainda inexploradas, principalmente no domínio da Sociologia da Cultura e da Religião.

**Palavras-chave:** Marxismo; América Latina; Romantismo; Michael Löwy; José Carlos Mariátegui

Marxism, politics and religion of “a convinced and confessed Marxist”: Michael Löwy reader of Jose Carlos Mariategui

**Abstract:** Divided in two parts, this paper intends to present and organize the evolution of the especially critical reading of Michael Löwy on the thought of José Carlos Mariátegui. Firstly, the French-Brazilian sociologist performs an analysis mainly focused in the *political* figure of Mariátegui, highlighting his thought as the most vigorous and original expression vis-à-vis the historical coordinates of the rise of Marxism in Latin America. Secondly, under the vivid influence of “On the Concept of History” of Walter Benjamin – a turning point that alters his Marxist worldview –, the comprehension of Löwy in regard to the Mariateguian oeuvre is (re) dimensioned. It brings the thought of the Peruvian journalist closer to the *romantic-revolutionary* Marxist tendency in which the spiritual, ethical-social and religious dimension of the revolutionary struggle assumes vital importance. Such a reading *expands* the spectrum of analysis of the body of Mariátegui’s oeuvre, and is methodologically based in *indistinction* between the political-organizational and literary-cultural side of the Peruvian theoretician, what can stimulate still unexplored comparative readings, mainly in the terrain of the Sociology of Culture and of Religion. Keywords: Marxism; Latin America; Romanticism; Michael Löwy; José Carlos Mariátegui

*“Todo verdadeiro conhecimento  
provoca redemoinhos.”*

(Walter Benjamin)

José Carlos Mariátegui foi um dos mais importantes revolucionários da América Latina e seu pensamento continua sendo objeto de discussões acirradas no meio acadêmico e político, mesmo depois de mais de oitenta anos de sua morte. É verdade também que existe uma quantidade enorme de trabalhos científicos publicados acerca de sua obra, submetendo-a exaustivamente a interpretações das mais diferentes matizes, desde a pluralidade de sua formação até a maturidade intelectual e política do autor. Todavia, as diferentes interpretações – até mesmo as rivais – possuem um núcleo afirmativo unânime: atribuem a seu pensamento complexo e polimórfico uma *originalidade* e *espírito criativo* sem precedentes na história do pensamento marxista latino-americano. Desse modo, Mariátegui teria conseguido levar a cabo uma interpretação marxista realmente genuína, que não fosse cópia teórica, mas *criação teórica* da realidade latino-americana.

É interessante destacar que, no caso do Brasil, onde Mariátegui é praticamente um desconhecido na cultura política brasileira,<sup>1</sup> a força de seu pensamento conseguiu exercer influência em prestigiosos

---

1 Para uma análise da recepção de José Carlos Mariátegui no Brasil, cf. Pericás (2010).

pensadores da sociologia e da crítica literária do país, como Florestan Fernandes (1994) e Alfredo Bosi (1990). Fundador da sociologia brasileira, além de divulgador da principal obra mariáteguiana no país – o afamado *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, publicado em português em meados dos anos de 1970 –, Florestan Fernandes provavelmente inspirou-se também no conjunto da obra do jornalista peruano para realizar uma análise histórico-concreta da formação econômico-social brasileira, *A revolução burguesa no Brasil*. Ademais, em seu último ano de vida, em 1994, dedicou um artigo exclusivamente à *atualidade política* de Mariátegui, destacando, sobretudo, “sua discreta defesa intransigente do marxismo” como criatividade crítica para realizar uma interpretação radical e refinada da particularidade dos países periféricos do capitalismo.

Embora o presente artigo não tenha como objetivo compreender propriamente o conjunto da obra do “pai” do marxismo latino-americano, mas apresentar e analisar a evolução da leitura peculiarmente crítica de Mariátegui por Michael Löwy, não se pode deixar de apontar pelo menos três coordenadas de caráter metodológico – sugeridas pelo historiador Flores Galindo (1994) – para uma análise profunda e de qualidade sobre o socialismo de José Carlos Mariátegui.

Em primeiro lugar, não custa recordar que Mariátegui morreu muito jovem (aos 35 anos!) e deixou uma obra inconclusa. Seu itinerário não constituía um sistema, um todo coerente e organizado a partir de certas referências conceituais e metodológicas rígidas. A formação de seu pensamento foi inerente à atmosfera em que viveu, fazendo-se e refazendo-se constantemente dentro do horizonte de seu tempo. Há temas que foram tratados de perspectivas diferentes – e apareceram não raro em contradição – e estruturaram-se lentamente.

Em segundo lugar, um frequente equívoco do qual a obra do autor de *Sete ensaios* foi vítima é a utilização da imagem de seu pensamento a partir *apenas* de autores que mencionou ou leu. Sem aludir à época em que o autor formulou seu pensamento, e diluindo a dialética entre texto e contexto, essa instrumentalização política operada pelos estudiosos da esquerda (e direita) peruana transformou o principal

fundador do Partido Socialista Peruano em um personagem politicamente ambíguo e de diversas imagens heterogêneas: Mariátegui “stalinista”, “leninista”, “trotskista”, “maoista”, “gramsciano”, “althusseriano”, “eurocomunista”, “pós-moderno”, etc.

Em terceiro lugar, um antídoto para evitar interpretações apresadas e completamente fora do contexto é a realização de uma *leitura genético-evolutiva* da obra do marxista peruano, *id est*, que parta dos textos de juventude – dos poemas inclusive – até as análises literárias e os textos políticos considerados maduros. Enfim, uma *leitura total* que defenda a unidade da obra sem com isso subvalorizar as mudanças, as transformações, ou até mesmo as rupturas, e coloque em conexão biografia e contexto sócio-histórico (história do Peru e história do socialismo).

## Löwy e o marxismo latino-americano de Mariátegui

Uma das figuras intelectuais e políticas cujo projeto teórico-político insere-se na proposta de renovação radical do marxismo contemporâneo é, incontestavelmente, Michael Löwy. De origem brasileira, mas já com meio século de vivência na França, o sociólogo marxista é um dos mais instigantes intelectuais da geração que começou a produzir na década de 1960.<sup>2</sup> É autor dezenas de livros, traduzidos

2 Nascido em 6 de maio de 1938 na cidade de São Paulo, oriundo de uma família de judeus que imigrou para o Brasil na década de 1930, Löwy optou por uma trajetória acadêmica, ingressando no curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP) em 1956, também no intuito de amadurecer suas intensas atividades políticas. Em 1961, partiu à França para fazer seu doutorado, sob orientação de Lucien Goldmann, com um estudo sobre a questão da revolução no jovem Marx. Depois de defender sua tese, em março de 1964, instalou-se por motivos familiares em um *kibutz* em Israel, país no qual viveu por quatro anos. Voltou à Europa quatro anos depois, atraído pelas lutas explosivas de 1968. Aconselhado a não regressar ao Brasil, onde poderia ser preso pela ditadura civil-militar, permaneceu na França, onde posteriormente ingressou no prestigioso *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), do qual

em pelo menos vinte idiomas, versando especialmente sobre as obras de Karl Marx, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, Leon Trotski, Georg Lukács, Lucien Godmann e Walter Benjamin.

Embora os ensaios dedicados exclusivamente à obra de José Carlos Mariátegui sejam um tanto irregulares, e a despeito de alguns trabalhos analíticos mais consistentes promovidos por Löwy – como é o caso, para ficarmos em apenas dois exemplos, de suas pesquisas sobre Georg Lukács (1998) e Walter Benjamin (2005) –, a obra do revolucionário peruano ocupou um lugar não desprezível na trajetória intelectual do sociólogo. Além disso, como informa Luiz Bernardo Pericás (2010), ainda que de maneira periférica, o autor de *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* foi um dos pioneiros do “mariateguismo” no Brasil, fato de grande importância em um país em que, como já foi ressaltado, o pensamento de Mariátegui ainda é pouco conhecido. Ao que tudo indica, o entusiasmo de Michael Löwy pelo conjunto da obra de Mariátegui foi precedido, em um primeiro momento, por um vivo interesse na constituição da história da recepção do marxismo na América Latina,<sup>3</sup> onde o sociólogo situa o pensamento de Mariátegui no coração do marxismo crítico latino-americano:

“Michael Löwy também se entusiasmaria com o pensamento de Mariátegui no mesmo período, em meados da década

---

é atualmente pesquisador emérito, bem como professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Para maiores detalhes sobre as atividades políticas e teóricas da trajetória de Löwy, ver entrevista feita por Gomes e Reis (1996) e livro organizado por Jinkings e Peschanski (2007).

- 3 Evidentemente, o encantamento de Michael Löwy pelo tema da história das lutas sociais na América Latina começaria mais cedo, nos anos de 1960, em um período político em que o subcontinente testemunhava a ascensão de inúmeras correntes radicais de contestação à ordem capitalista, inspiradas, em grande medida, no triunfo da Revolução Cubana e na figura de Ernesto Che Guevara. Este último, particularmente, será o tema central de um pequeno livro do sociólogo franco-brasileiro, redigido em 1969, pouco depois do assassinato do revolucionário argentino. Cf. Löwy (1970).

de 1970, quando comprou a coleção de suas obras completas numa visita que fazia ao México. Ele já havia realizado uma conferência em 1960, para um círculo marxista na USP, sobre o ‘socialismo na América Latina’, na qual fizera extensa referência ao teórico peruano. Esse fato, por si só, já o coloca, mesmo que marginalmente, entre os pioneiros do mariateguismo no Brasil. Mas sua palestra teria sido preparada a partir de fontes secundárias. Quando a edição francesa dos *Sete ensaios* foi lançada pela Maspero, a obra naquele momento, contudo, não lhe chamou atenção. Só mesmo quando adquiriu a [obra] mariateguiana no México é que começou a estudar *sistematicamente* o autor de *La escena contemporânea*” (PERICÁS, 2010, p. 346).

A leitura sistemática da obra do revolucionário peruano estava articulada, na verdade, a um projeto mais amplo de compreensão dos condicionantes teóricos e políticos da história marxismo na América Latina. Nesse contexto, foi editada na França, em 1980, uma antologia intitulada *Le marxisme en Amérique latine*, em que o sociólogo marxista, além de organizador do livro, apresentou um amplo estudo sobre a história do pensamento marxista na América Latina. Curiosamente, o ano de lançamento da antologia coincidiu com a realização do conhecido Seminário de Sinaloa (Culiacán, México), considerado por muitos pesquisadores como um marco histórico dos estudos mariateguianos, que reuniu os principais estudiosos latino-americanos e europeus da época.<sup>4</sup> A coletânea de textos levada a cabo por Löwy foi precedida por

---

4 A importância do Colóquio – que contou com a presença de nomes como Robert Paris, César Lévano, Antonio Melis, Alberto Flores Galindo, José Aricó, Anibal Quijano, entre outros tantos – não se deveu apenas a uma homenagem aos cinquenta anos da morte de Mariátegui. Na realidade, além de existir na época uma atmosfera política propícia para o renascimento do pensamento do teórico peruano, afinal, muitos participantes presentes eram perseguidos e exilados nas ditaduras latino-americanas, o congresso representou aquilo que Fernanda Beigel (2003) denomina de “generación Sinaloa”: “essa geração expressa um hiato no caminho e condições de leitura da trajetória do Amauta, bem como uma reconversão temática que abriu um novo caminho

uma *longa introdução*, sendo posteriormente depois publicada com leves variantes em castelhano e português – no último caso, no Brasil, em 1999 (e reeditada com algumas modificações em 2006).

Como o próprio título da introdução da coletânea sugere, longe de fornecer uma análise exaustiva do marxismo na América Latina, se tratava, antes, da proposição de alguns *pontos de referência* formados pelas diferentes tendências e vertentes do pensamento marxista latino-americano. A ênfase do texto recaiu sobre a *problemática da natureza da revolução no continente*. Conforme sugeriu o intelectual franco-brasileiro, desde as primeiras páginas “o marxismo na América Latina foi ameaçado por duas tentações opostas: o excepcionalismo indo-americano e o eurocentrismo” (Löwy, 2006, p. 10). Sinteticamente, o primeiro, em nome da especificidade, da unicidade, do desenvolvimento histórico latino-americano, abandonava as categorias fundamentais do marxismo; o segundo, por outro lado, consistia na transposição mecânica e inadequada para o continente dos parâmetros e análises elaborados na Europa para países metropolitanos e conhecedores de um amplo e profundo desenvolvimento capitalista. Para Löwy, em meio a esse contexto teórico-político, a obra de Mariátegui destacou-se como expressão teórica mais *vigorosa e original* no primeiro período da história do marxismo por adotar uma posição teórica e metodológica claramente na contramão das duas tendências descritas, e buscara a estratégia política de uma revolução socialista:

“A aplicação criativa do marxismo à realidade latino-americana significa justamente a superação – no sentido da *Aufhebung* hegeliana – dessas duas tendências e do dilema de um particularismo hipostasiado e um dogmatismo universalista – graças à unidade dialético-concreta entre o específico e o universal” (IDEM, IBIDEM, p. 12).

---

nas investigações mariáteguianas” (BEIGEL, 2003, p. 17). Cf. também o prólogo de Melis (1999, p. 5-8).



Rejeitando essas duas orientações hegemônicas, o revolucionário peruano foi, por esse motivo, assim como o marxista cubano Julio Antonio Mella,<sup>5</sup> um combatente praticamente solitário em muitas das elaborações teóricas e posições políticas que tomou, navegando em direção contrária à maré de sua época, a contrapelo da fatalidade proclamada da História.

Nessa breve apresentação em que Michael Löwy evidencia o marxista peruano, a atenção é voltada especialmente para sua *intensa atividade política*: 1) a rejeição de Mariátegui à Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA); 2) a participação indireta na Primeira Conferência Comunista Latino-Americana através do envio de duas teses; 3) a decisão de não tomar partido no conflito entre Stálin e a Oposição de Esquerda dirigida por Trotsky, apesar da admiração pela figura do comandante do exército vermelho.<sup>6</sup> Além disso, o relevo da mediação política pode ser confirmado na própria seleção de textos para compor a antologia nessa primeira edição: “*Carta Colectiva del Grupo de Lima*” (1929) e “*Punto de Vista*

5 Para uma análise da trajetória do marxista cubano Julio Antonio Mella, cf. Hatzky (2008).

6 Em um pequeno texto apresentado no Simpósio Internacional “Trotsky: Passado e Presente do Socialismo” – realizado na Universidade de São Paulo em 1990 –, dirigido à análise exclusiva do significado da teoria da revolução permanente de Leon Trotsky, Michael Löwy aponta uma clara aproximação política das intervenções de José Carlos Mariátegui com as do autor de *História da Revolução Russa*: “É interessante observar que, no mesmo momento que Trotsky escrevia seu livro [*A Revolução Permanente* (1930)], o grande pensador latino-americano José Carlos Mariátegui estava chegando por seu próprio caminho a conclusões semelhantes (embora limitadas ao âmbito do continente). Em seu artigo “Ponto de Vista Antiimperialista”, de 1929, Mariátegui afirma que, no quadro do capitalismo, os países da América Latina estão condenados à condição de colônias: à única alternativa à dominação imperialista do continente é uma revolução indoamericana socialista” (Löwy, 1994, p. 78).

*Antiimperialista*” (1929) – ou seja, dois registros e documentos claramente carregados de posicionamento político.<sup>7</sup>

Contudo, a análise sobre a dimensão política de Mariátegui não fica circunscrita às atividades de cunho organizativo, pois Löwy procura compreender a política também através da mediação filosófica, realçando a obra *Defensa del marxismo* (1967), publicação póstuma com artigos escolhidos do revolucionário peruano. Neste opúsculo, aparecem artigos em que o autor peruano buscou desenvolver conceitos filosóficos e ético-sociais em irresoluta oposição ao materialismo vulgar e o economicismo marxista, cuja maior expressão fora o pensamento ortodoxo da Segunda Internacional. Afinal, essa atitude intransigente frente às versões fatalistas e lineares da história “permitiu Mariátegui libertar-se do evolucionismo stalinista, com sua versão rígida e determinista da sucessão das etapas históricas, que o Comintern do fim dos anos 1920 estava começando a disseminar por toda América Latina” (*IDEM, IBIDEM*, p. 19). No entanto, o combate duro e acertado da leitura economicista não fez com que a análise do sociólogo marxista evitasse admitir “excessos voluntaristas” do pensador peruano, isto é, uma atitude de clara inspiração idealista.

O marxismo antidogmático e antipositivista de Mariátegui permitiu não só problematizar, mas rejeitar totalmente a hipótese política de revolução democrático-burguesa na América Latina defendida por Stálin, optando, contrariamente, por uma estratégia política que combinaria simultaneamente tarefas socialistas e democráticas, objetivos agrários e antiimperialistas. A escolha política foi devida, principalmente – como

---

7 Das inúmeras reedições para diversas línguas que a antologia obteve, as mudanças basicamente voltaram-se para a inclusão ou exclusão de textos. Na edição brasileira de 2006, por exemplo, apenas “Ponto de Vista Antiimperialista” permaneceu com a inclusão de três textos: “Aniversario y Balance” (1928), um balanço editorial do segundo aniversário da revista *Amauta*, “Prólogo a Tempestad en los Andes” (1927), um texto que sublinha a importância do mito indígena e sua ligação com o passado, e “El problema de las razas en América Latina”, fragmento de um comunicado enviado à Conferência Comunista de 1929, dedicado aos problemas dos camponeses indígenas e sua inserção na luta de classes.

ressaltou Michael Löwy –, a uma compreensão não linear da dinâmica da história e à combinação *sui generis* de ritmos históricos distintos no desenvolvimento capitalista dos países latino-americanos. Nessa chave, uma das conclusões mais marcantes de Mariátegui foi a compreensão da formação de uma burguesia nacional peruana diferenciada, que demonstrava na prática uma *incapacidade* de realizar o projeto de “revolução democrática” na economia e no Estado, dada sua subordinação congênita à burguesia industrial europeia.

Finalmente, o sociólogo franco-brasileiro pôs em relevo a relação existente entre a via socialista e a sobrevivência de vestígios de um “comunismo inca” que o pai do marxismo latino-americano desenvolveu. Uma relação que não teria analogia política com as ideias e teses do populismo russo, mas, na verdade, com os registros de Marx sobre o papel da transição da Rússia czarista para o socialismo. O estabelecimento de um elo histórico entre socialismo moderno e o comunismo inca marcou o traço *romântico anticapitalista* na obra do autor, ainda que este mantivesse um distanciamento crítico em relação a uma visão idílica do passado. Como se verá adiante, esse ponto que associa socialismo e romantismo anticapitalista foi a pedra de toque da interpretação de Michael Löwy na década de 1990.

Essa foi a primeira abordagem analítica de Michael Löwy sobre a obra do pensador peruano. No primeiro período da história do marxismo na América Latina, chamado de revolucionário, Mariátegui é considerado pelo sociólogo a expressão teórica marxista mais criativa, *principalmente pelo seu conteúdo político*, tanto do ponto de vista teórico como prático. Essa concepção, no entanto, seria transformada e ampliada em ensaios posteriores sobre o revolucionário peruano.

### Utopias românticas de Michael Löwy: história de um encantamento revolucionário

A partir de meados da década de 1990, os escritos de Michael Löwy voltados especialmente ao marxismo de Mariátegui adquiriram

um registro diferente, uma mudança de atitude que não se manifestou apenas na interpretação das ideias do revolucionário peruano. Essa inflexão foi muito mais profunda e radical, a ponto de alterar decisivamente a própria *visão de mundo marxista* de Michael Löwy, e se deveu fundamentalmente às consequências de sua descoberta, a partir de 1979, das teses “Sobre o conceito da História” (Über den Begriff der Geschichte) de Walter Benjamin, considerando-o um dos documentos políticos mais importantes do século XX.<sup>8</sup> Segundo Löwy, a contribuição fundamental das teses de Benjamin foi a sugestão de um novo método para todos os campos das ciências sociais: *interpretar a história do ponto de vista dos vencidos*, utilizando-se fortemente do materialismo histórico (Löwy, 2008, p. 83).

A partir desse encontro decisivo, a produção teórica de Michael Löwy começou a se inclinar, com mais intensidade, para a busca das conexões entre a dimensão espiritual/utópica e o marxismo. E como era de se esperar, essa mudança não ficou circunscrita a uma mera curiosidade acadêmica, mas, pelo contrário, esteve intimamente ligada a uma (re)formulação de um projeto político socialista profundamente *antiautoritário*:

“Marx deliberadamente estabelecia limites severos sobre si mesmo quando se tratava de uma visão utópica. Ele estava convencido de que a preocupação com os problemas relacionados com a realização do socialismo deveria ser deixada para as gerações futuras. Mas nossa geração não pode adotar essa postura. Nós estamos confrontados com sociedades burocráticas pós-capitalistas que se reivindicam como a

---

8 “Descobri as teses no momento em que movimentos populares insurrecionais se desenvolviam na América Central. O documento me permitiu compreender melhor os acontecimentos e, inversamente, estes esclareceram, com uma nova luz, o texto. (...) Mas, acima de tudo, a leitura das ‘teses’ afetou minhas certezas, transformou minhas hipóteses, inverteu (alguns de) meus dogmas; em resumo, ela me obrigou a refletir *de outra maneira*, sobre uma série de questões fundamentais: o progresso, a religião, a história, a utopia, a política. Nada saiu imune desse encontro capital” (Löwy, 2005b, p. 38-39).

concretização do “socialismo” e até mesmo do ‘comunismo’” (LÖWY, 1999, p. 127).

Tratava-se de restabelecer os elos entre projeto socialista e horizonte utópico, de edificar um projeto teórico-político de renovação do marxismo:

“Precisamos de uma *utopia marxista* – um conceito herético, mas como poderia o marxismo desenvolver-se sem heresias? Uma utopia que apresente de modo mais adequado possível um imaginário enclave liberado do ainda não existente (u-topos, em lugar nenhum) no qual a exploração dos trabalhadores, a opressão às mulheres, a alienação, a reificação, o estado e o capital sejam todos abolidos. Sem abandonarmos por um instante a preocupação realista com a estratégia revolucionária e a tática com os problemas materiais mesmo da transição ao socialismo, devemos dar ao mesmo tempo rédea livre à imaginação criativa, aos devaneios, à esperança ativa e ao espírito visionário vermelho” (IDEM. *IBIDEM*).

Não é à toa que, a partir desse momento, o sociólogo desenvolveu uma clara fascinação pela reflexão histórica e cultural do ideário romântico e sua crítica da civilização capitalista moderna em nome de valores e ideais do passado. Todavia, o conceito (*Begriff*) de romantismo afiançado pelo sociólogo franco-brasileiro, a partir daquele disseminado na cultura moderna dos séculos XIX e XX, é uma *reformulação* profunda da concepção “clássica” segundo a qual a corrente romântica seria apenas uma escola literária. O romantismo, em Löwy, deixa de ser expressão de uma corrente estético-literária datada, com meio e fim (LÖWY, 1995). Trata-se, para ele, de um *movimento da realidade* que se manifesta *em todas as esferas da vida cultural* – incluindo a política, a filosofia, a religião e as ciências – e que constitui uma das formas fundamentais do espírito moderno. Ou seja, romantismo seria, ao mesmo tempo, uma *estrutura de sensibilidade* (como pensada

por Raymond Willians) e uma *visão de mundo* (como proposta por Lucien Goldmann), um conceito claramente mais amplo que a formulação “clássica”. Uma manifestação que começa no

“término do século XVIII como *protesto contra o advento da moderna civilização capitalista*, uma revolta contra a irrupção da sociedade industrial/burguesa fundamentada na racionalidade burocrática, na reificação mercantil, na quantificação da vida social e no ‘desencantamento do mundo’” (LÖWY, 2005, p. 105, GRIFO NOSSO).

A referência a um passado (real ou imaginário) não significa necessariamente que ela tenha uma orientação regressiva ou reacionária. Essa concepção é atravessada por correntes políticas e ideológicas as mais diversas e contraditórias, como regressivas e reacionárias, mas também utópicas e revolucionárias. Com efeito, o romantismo *revolucionário* pode dar nome à cultura política mais geral que costurou projetos e utopias de diferentes matrizes durante a história, desde que ancorada em uma visão de ruptura radical autêntica com a modernidade capitalista.<sup>9</sup>

## Marxismo e romantismo

Foi durante os anos de 1990, em meio às tensões sociais que explodiram com o projeto político do neoliberalismo em toda região

---

9 Vale destacar que a formulação conceitual de uma visão de mundo romântica de Michael Löwy bebeu de fontes não marxistas como, por exemplo, a incorporação do conceito weberiano de modernidade, caracterizado pelo “espírito do cálculo, o desencantamento do mundo, a racionalidade instrumental e a dominação burocrática”, assim como, para compreender a diversidade de romantismos, foi construída uma tipologia de romantismos, inspirada metodologicamente em Weber (RIDENTI, 2007, p. 172). Ademais, Löwy seria um dos principais defensores da expressão “marxismo weberiano”, incorporando certos temas e categorias de Weber, desde que mantida uma abordagem marxista inspirada no método dialético.

da América Latina, que Michael Löwy escreveu novos ensaios sobre José Carlos Mariátegui. Nessa época, dedicou-se a um estudo profundo sobre os elos entre religião (cristianismo) e política (marxismo) na América Latina através do fenômeno da teologia da libertação. Mariátegui era mencionado por sua visão radicalmente heterodoxa – como o mito – com a “intenção de trazer à tona a dimensão espiritual e ética da luta revolucionária: a fé (mística), solidariedade, a indignação moral, o compromisso total com o risco da própria vida (ao que ele chamava de ‘heroico’)” (Löwy, 2000, p. 34).

Nesse período, a análise crítica de Michael Löwy (1997, 1998, 2004, 2005a, 2009) trabalha com a hipótese de que o teórico peruano pertenceria à corrente marxista *romântico-revolucionária*, constituindo, desse modo, um socialismo *heterodoxo e independente*.<sup>10</sup> O pensamento dinâmico de Mariátegui detém uma explosividade utópica sem precedentes, manifestada com maior força na autêntica identidade coletiva das populações indígenas e camponesas que *nasce do passado e nutre-se dele, mas não se cristaliza na nostalgia*, isto é, há uma dialética utópico-revolucionária entre o passado pré-capitalista e o futuro socialista. O núcleo irredutivelmente marxista e romântico, a um só tempo, estaria principalmente (mas não exclusivamente) na *recuperação crítica do passado e da dimensão imaginária e espiritual da luta*, num contexto da história do Peru e do socialismo na década de 1920 completamente diferente, portanto, daquele dos pensadores românticos ingleses ou da Europa Central.<sup>11</sup> É nesta última *tipologia* – no sen-

10 “Esse homem, condenado, a partir de 1924, à imobilidade, sujeito à cadeira de rodas, era o mesmo que em sua juventude embarcara em um avião, em El Callao, e que depois, na Europa, perseguiu intensamente seus caminhos: seguiu sendo um ‘aventureiro’, termo que para Mariátegui, assim como para Freud, possuía um valor positivo. *Se inseria na estirpe dos autores românticos*” (FLORES GALINDO, 2004, p. 377, GRIFO NOSSO).

11 O próprio Michael Löwy (1989) buscou em outro trabalho pesquisar os elos esquecidos entre religião e política na geração de intelectuais oriundos da “Europa central” (*Mittleuropa*) que estiveram sob a influência de um rico universo cultural judaico, desaguando em uma dupla configuração espiritual: a utopia romântica e o messianismo restitutionista. Vale a pena conferir

tido weberiano do termo – que o sociólogo franco-brasileiro insere a vida e obra do revolucionário peruano, o que pressupõe desde já *uma concepção romântica que não é residual*.<sup>12</sup> Afinal, “durante sua estada na Europa, Mariátegui assimilou simultaneamente o marxismo e alguns aspectos do pensamento romântico contemporâneo: Nietzsche, Bergson, Miguel de Unamuno, Georges Sorel, o surrealismo” (Löwy, 2005C, p. 10).

Quais seriam, afinal, as características específicas que revelariam na obra do teórico peruano uma visão de mundo romântica tal como afiança Michael Löwy? Em que lugar e como estaria formulada a ideia de uma *crítica radical à civilização industrial/burguesa moderna*? Na tentativa de sistematizar as ideias propostas por Michael Löwy em seu estudo sobre a obra de Mariátegui, as linhas esquemáticas a seguir não

---

também um estudo sobre a vida e obra dos poetas românticos ingleses (principalmente no início da época moderna) sob o punho do historiador inglês E. P. Thompson (2002).

- 12 Há quem diga, em oposição direta à análise crítica promovida por Löwy em relação à Mariátegui, que a obra do autor de *Sete ensaios* dividir-se-ia em dois blocos: os primeiros passos intelectuais de Mariátegui estariam na trilha de um anticapitalismo romântico (a “idade da pedra”, até 1919), e sua “adesão” ao marxismo, depois de seu regresso da Itália em 1923, seria o momento de superação (a “idade da revolução”) da fase anterior. A demonstração dessa hipótese assentar-se-ia nos textos canônicos do marxista húngaro Georg Lukács que, especialmente na década de 30, se empenhara em assinalar que os apologetas do anticapitalismo romântico desejariam, na verdade, uma sociedade burguesa reacionária que preservasse os restos feudais (cf. ESCORSIM, 2006). Todavia, a análise lukacsiana detinha-se na crítica ao romantismo reacionário, manifestada na estética literária, e não ao romantismo de outra natureza, que teria claramente posições revolucionárias. Ademais, “a visão nitidamente histórico-concreta”, a mensagem de esgotamento da ordem do capital e a construção de uma frente (ampla) organizativa socialista, como se flagra na trajetória de Mariátegui principalmente depois de seu regresso da Europa, não significa ruptura com o romantismo. O problema é confundir – como frequentemente ocorre – o romantismo *tão-somente* com doutrinas reacionárias; ao reduzir o fenômeno como algo monolítico, torna-se impossível dar conta de suas riquezas, de suas ambiguidades e de suas contradições.



se pretendem uma análise exaustiva, mas um *esboço* que sirva como ponto de partida à interpretação do sociólogo marxista:

1) *Rejeição da filosofia evolucionista e positivista e crítica implacável das ilusões do progresso e da imagem linear e eurocêntrica da história universal.* Provavelmente, a originalidade do marxismo de Mariátegui está na superação – no sentido da *Aufhebung* hegeliana – do particularismo hipostasiado e do dogmatismo universalista através da unidade dialético-concreta entre o específico e o universal. Como aponta Michael Löwy (2005, p. 18), “na verdade seu pensamento caracteriza-se justamente por uma  *fusão* entre os aspectos mais avançados da cultura europeia e as tradições milenaristas da comunidade indígena”. Ademais, segundo a observação do argentino José Aricó (1987), a formação marxista antieconomicista, antipositivista e antidogmática de Mariátegui só se concretizou no seguinte contexto: a) por se produzir fora das fileiras comunistas e da Internacional Comunista; b) por um movimento socialista peruano que se estrutura no quadro de um amplo movimento intelectual e político; c) pela leitura de Marx e Lênin sob o filtro do historicismo italiano, mesmo consciente de restrições (ou da ambiguidade) de alguns autores – entre eles, Benedetto Croce. Trata-se de um diálogo crítico com o idealismo fundamental para “peruanizar” sua luta na América Latina.

2) *O romantismo como polo oposto da rotina administrativa e burocrática da política.* Pode-se observar uma dupla significação de romantismo nos textos de Mariátegui, especialmente nos capítulos literários dos *Sete ensaios*. Um chamado neorromantismo ligado ao século XIX, “conservador” e “individualista”, e um novo romantismo que identifica como “espontâneo” e “socialista”. A divisão proposta por Mariátegui entre “dois” romantismos não tem apenas um significado eminentemente político e ideológico, mas também está circunscrita a períodos históricos: as “épocas clássicas ou de calma”, quando a política reduz-se à administração e à rotina do parlamento, e as “épocas românticas ou de revolução” (um período de onda revolucionária), nas quais a política ocupa o primeiro plano da vida. Dois exemplos citados por Michael Löwy que confirmam essa utilização são, de um lado, a

crítica de Mariátegui endereçada ao afamado poeta Rainer Maria Rilke por seu romantismo retrógado, que abusa do extremo subjetivismo e puro lirismo e satisfaz-se plenamente na contemplação. Por outro lado, um encantamento profundo com o movimento surrealista que, muito mais do que um fenômeno literário, seria a expressão por excelência do “novo” romantismo em sua versão revolucionária.

3) *Uma interpretação do marxismo que leva em conta a dimensão espiritual e ética do combate revolucionário.* O mito é provavelmente a ideia-força que Löwy mais destaca no pensador peruano. O termo de origem religiosa teria uma significação mais ampla – secular –, referindo-se à dimensão espiritual e ética do socialismo e à emoção revolucionária. O mito é semelhante à definição que o filósofo Henri Lefebvre tem de utopia: um “sentimento não prático do possível” como condicionante crítico de desalienação das ilusões do progresso. Para Löwy, essa correspondência entre socialismo e religião na obra de Mariátegui tornou-se mais obsessiva através do contato com as obras do socialista romântico Georges Sorel e com as do filósofo espanhol Miguel de Unamuno – a partir de quem o ensaísta peruano deu um novo significado, por exemplo, à palavra *agonia*. A espiritualidade agônica não está, como se poderia facilmente deduzir, contraposta à esperança revolucionária; ao contrário, elas se complementam. Ao valorizar a mente religiosa, Mariátegui não queria fazer do socialismo uma fonte de seita religiosa, mas trazer a dimensão espiritual e ética da luta revolucionária<sup>13</sup>.

4) *A análise das tradições comunitárias do campesinato indígena como ponto de partida para a compreensão da formação social peruana.* As proposições acerca da realidade social peruana assinadas por Mariátegui compreendiam a existência de diferentes níveis e modos

---

13 “Sabemos que uma revolução é sempre religiosa. A palavra ‘religião’ tem um novo valor, um novo sentido. Serve para algo mais que para designar um rito ou uma igreja. Pouco importa que os soviets escrevem em seus cartazes de propaganda que ‘a religião é o ópio do povo’. O comunismo é essencialmente religioso. O que ainda provoca equívocos é a velha acepção do vocábulo” (MARIÁTEGUI, 1969, p. 264).

de funcionamento do capitalismo periférico. Tempos históricos que se combinam diversamente nas diferentes estruturas do modo capitalista de produção e reprodução das relações sociais. A tradição e a modernidade na formação social peruana não são dicotômicas. Mariátegui reage, assim, “contra o tradicionalismo conservador da oligarquia, o romantismo retrógrado das elites e a nostalgia do período colonial, ele apela a uma tradição mais antiga e mais profunda: a das civilizações indígenas pré-colombianas” (Löwy, 2005, p. 18). A sobrevivência de práticas coletivistas de comunidades até o século XX não era um peso morto na formação cultural e social peruana, mas, na realidade, constituintes ativos de renovação cultural. Isso fez com que o jornalista peruano (1969) saísse em defesa do que denominou de “comunismo inca”, que “não podia ser negado ou diminuído”, já que era portador de eficácia econômica e do bem-estar da população camponesa. Assinala, por sua vez, uma clara distinção (e denuncia os limites) entre comunismo agrário e despótico das civilizações pré-colombianas e o comunismo de nossa época, herdeiro das conquistas materiais modernas. No terreno da estratégia política, “situava nas comunidades indígenas o ponto de partida para uma via socialista própria aos países indo-americanos” (Löwy, 2005, p. 22). Em suma, como destaca o historiador Flores Galindo (1994, p. 556-557), o problema nunca foi escolher entre o moderno e o tradicional, pois, afinal, o projeto de crítica da modernidade empreendida por Mariátegui jamais pretendeu regressar ao passado, mas ensaiar um encontro diferente entre Ocidente e mundo andino.

## Voltar ao Amauta

A influência do marxismo de José Carlos Mariátegui evolui de modo bastante particular na trajetória intelectual e política do sociólogo franco-brasileiro. Durante os anos setenta, Löwy adquire as obras completas do teórico peruano e começa estudá-las de maneira sistemática, assim como a constituição do marxismo na América Latina.

Esse momento se concretizara na organização de uma antologia conhecida como *Le marxisme en Amérique Latine*, editada na França em 1980. No artigo de apresentação do livro, a figura do revolucionário peruano é apresentada como uma das expressões teóricas mais criativas do marxismo na América Latina, enfatizada especialmente pela dimensão política de seu pensamento.

Ao mesmo tempo, o intelectual francês tem sua visão de mundo marxista modificada pela leitura das teses sobre a história de Walter Benjamin. Essa visão de mundo modificada no marxismo como um todo, na verdade, não entra em contradição com sua produção anterior. Com relação a Mariátegui, especificamente, a análise que outrora tinha como prioridade ressaltar os aspectos políticos de sua obra é doravante *complementada (e não abandonada) com aspectos da cultura e principalmente da religião, que até então não tinham decididamente um espaço*. Ou seja, mesmo que tenha se ocupado relativamente pouco em depurar com mais intensidade a obra do autor de *Sete ensaios*, a análise de Michael Löwy modificou-se, embora nela não haja propriamente ruptura. Ao inserir a obra do intelectual peruano no marco da sensibilidade romântica e revolucionária, *adota uma metodologia que não separa o crítico literário do organizador do movimento operário*. A interpretação de Löwy detém uma amplitude que suscita novas leituras, principalmente no domínio da sociologia da cultura e da religião. Para aproximar e comparar a obra de José Carlos Mariátegui com outras contribuições estudadas pelas ciências marxistas, vejam-se os estudos sobre o comunismo inca de Rosa Luxemburgo, a fascinação do movimento surrealista em Walter Benjamin, a aproximação entre fé religiosa e fé marxista desenvolvida por Lucien Goldmann, a interpretação milenarista do marxismo de Ernst Bloch, a aproximação política de um ponto de vista prático de Leon Trotsky. Quanto às não marxistas, veja-se Max Weber, principalmente, sobre a questão da religião.

“Vale aqui salientar o próprio foco de Löwy em relação aos trabalhos de Mariátegui. Pode-se ou não concordar com suas

interpretações, mas é importante reconhecer que ele conseguiu ver Mariátegui de maneira totalizante, mais ampla, e que sua abordagem teve uma sofisticação maior que várias anteriores em nosso país, que focalizavam aspectos isolados do pensamento e da obra do teórico peruano. Löwy iria apresentar o lado literário e cultural de Mariátegui (extremamente importante para compreender suas ideias) e ao mesmo tempo associá-lo intrinsecamente a seu marxismo e sua militância política. Afinal, Mariátegui não era uma figura ‘chapada’, unidimensional, mas, pelo contrário, extremamente complexa e multifacetada, que trabalhou, *em grande parte de seus escritos*, com temas literários, filosóficos e culturais” (PERICÁS, 2010, p. 346-347, grifos no original).

A coluna vertebral da análise e da explicação do sociólogo franco-brasileiro – ou seja, uma cosmovisão romântica e marxista na obra de Mariátegui – não está assentada no pressuposto de que se trata de uma obra que pode ser compreendida como edifício acabado, mas, no mínimo, como um *canteiro de obras*, sempre inacabado. Além do mais, a intenção central é iluminar observações preliminares na tentativa apenas de propor pontos de referência para o estudo da evolução do pensamento do intelectual peruano. É uma tentativa de estabelecer uma “verdade relativa”, sempre disposta a ser modificada. O convite de uma metodologia sociológica de compreensão *aberta* não é fortuito.

A inclinação por valores que *transcendem* a realidade de um indivíduo ou de uma sociedade e que podem, muitas vezes, ser testemunhados por construções intuitivas, imaginativas e religiosas como faz a interpretação de Michael Löwy (assim como Flores Galindo) em relação a Mariátegui está longe de significar aceitação incondicional nos vários estudiosos. Há aqueles – cujo maior exemplo é Aníbal Quijano (1981, p. 64-72) – que consideram justamente a dimensão religiosa e ético-filosófica em Mariátegui um conteúdo completamente metafísico e ambíguo. Apontam, por isso, um traço eclético constitutivo de seu marxismo, que se expressou na ausência de dedicação de Mariátegui ao estudo dos fundamentos epistemológicos

do marxismo. No entanto, ao descartarem a imaginação como ferramenta para compreender as antinomias do presente, tão importante quanto a razão, camuflam uma segunda verdade – como enunciava o filósofo Ernst Bloch – que não pode ser apreendida na facticidade, mas testemunhada somente no valor:

“O mundo assim como existe *não é verdadeiro*. Existe um segundo conceito de verdade, que não é positivista, que não está fundado na constituição da facticidade [...]; mas que, ao contrário, está carregado de valor (*Wertgeladen*), como, por exemplo, no conceito “um verdadeiro amigo”, ou na expressão de Juvenal *Tempestas poetica* – ou seja, uma tempestade como tal, que a realidade não conhecerá nunca, uma tempestade levada até o fim, uma tempestade radical. Portanto, uma verdadeira tempestade, neste caso, em relação à estética, à poesia, na expressão “um verdadeiro amigo”, com relação à esfera moral. E se isto não corresponde aos fatos – e para nós marxistas, os fatos não passam de momentos reificados de um processo, e nada além disso – neste caso, pior para os fatos (*um so slimmer für dir Tatsachen*), como dizia o velho Hegel”. (Ernst Bloch em entrevista a LÖWY, 1998, p. 297-298).

### Referências Bibliográficas

- ARICÓ, José. “O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional”. In: HOBSBAWM, E. *História do marxismo: o marxismo na época da Terceira Internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, v. III
- BEIGEL, Fernanda. *El itinerario y la brújula: el vanguardismo estético-político de José Carlos Mariátegui*. Buenos Aires: Biblos, 2003.
- BOSI, Alfredo. A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 8, v. 4, 1990.
- ESCORSIM, Leila. *Mariátegui: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

- FERNANDES, Florestan. Significado atual de José Carlos Mariátegui. *Revista Universidade e Sociedade*. Brasília, v. 35, n. 7, 1994.
- FLORES GALINDO, Alberto. *Obras Completas*. Lima: Fundación Andina/ Sur Casa de Estudios del Socialismo, 1994, v. II.
- GOMES, Ângela de Castro; REIS, Daniel Aarão. Um intelectual marxista: entrevista com Michael Löwy. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 166-183, 1996.
- Löwy, Michael. *El socialismo indoamericano: ensayos escogidos de José Carlos Mariátegui*. Lima: Minerva, 2009.
- \_\_\_\_\_. El punto de vista de los vencidos en la historia de América Latina: reflexiones metodológicas a partir de Walter Benjamin. In: VEDDA, M. (org.). *Walter Benjamin, constelaciones dialécticas*. Buenos Aires: Herramienta, 2008, p. 81-90.
- \_\_\_\_\_. “Le marxisme en Amérique Latine de José Carlos Mariátegui aux zapatistes du Chiapas”. *Actuel Marx*, França, n. 42, p. 25-35, 2007.
- \_\_\_\_\_. Introdução: pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: LÖWY, M. (org.). *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006, p. 9-64.
- \_\_\_\_\_. Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião. *Estudos Avançados*, São Paulo, n. 19, v. 55, p. 105-116, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005b.
- \_\_\_\_\_. Introdução: nem decalque, nem cópia: o marxismo romântico de José Carlos Mariátegui. In: MARIÁTEGUI, J. *Por um socialismo indo-americano (ensaios escolhidos)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005c, p. 7- 24.
- \_\_\_\_\_. Comunismo y religión: la mística revolucionaria de José Carlos Mariátegui. *Actuel Marx*, Santiago, Chile, n. 2, p. 73-85, 2004.

- \_\_\_\_\_. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. Marxismo e utopia. In: BENZAÏD, D.; LÖWY, M. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, 1999, p. 124-130.
- \_\_\_\_\_. Marxismo y romanticismo en la obra de José Carlos Mariátegui. *Herramienta*, n. 8, Buenos Aires, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *A evolução política de Lukács (1909-1929)*. São Paulo: Cortez, 1998b.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. A revolução permanente: teoria ou profissão de fé?. In: COGGIOLA, O. (org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994, p. 73-82.
- \_\_\_\_\_. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central (um estudo de afinidade eletiva)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Le marxisme en Amérique Latine de 1909 à nos jours: antologíe*. Paris: Maspero, 1980.
- \_\_\_\_\_. *La pensée de Che Guevara*. Paris: Maspero, 1970.
- HATZKY, Christine. *Julio Antonio Mella (1903-1929): una biografía*. Editorial Oriente: Santiago de Cuba, 2008.
- JINKINGS, Ivana; PECHANSKI, João Alexandre (orgs.). *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Siete ensayos de interpretacion de la realidad peruana*. Lima: Amauta, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Defensa del marxismo: polémica revolucionária 3ª ed.* Lima: Amauta: 1967.



- MELIS, Antonio. *Leyendo Mariátegui (1967-1998)*. Lima: Amauta, 1999.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e o Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 68, n. 24, p. 335-361, 2010.
- QUIJANO, Aníbal. *Reencuentro y debate: una introducción a Mariátegui*. Lima: Mosca Azul, 1981.
- RIDENTI, Marcelo. Romântico e errante. In: Jinkings, I.; Pechanski, J. (orgs.). *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007, p. 167-174.
- THOMPSON, Edward P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.